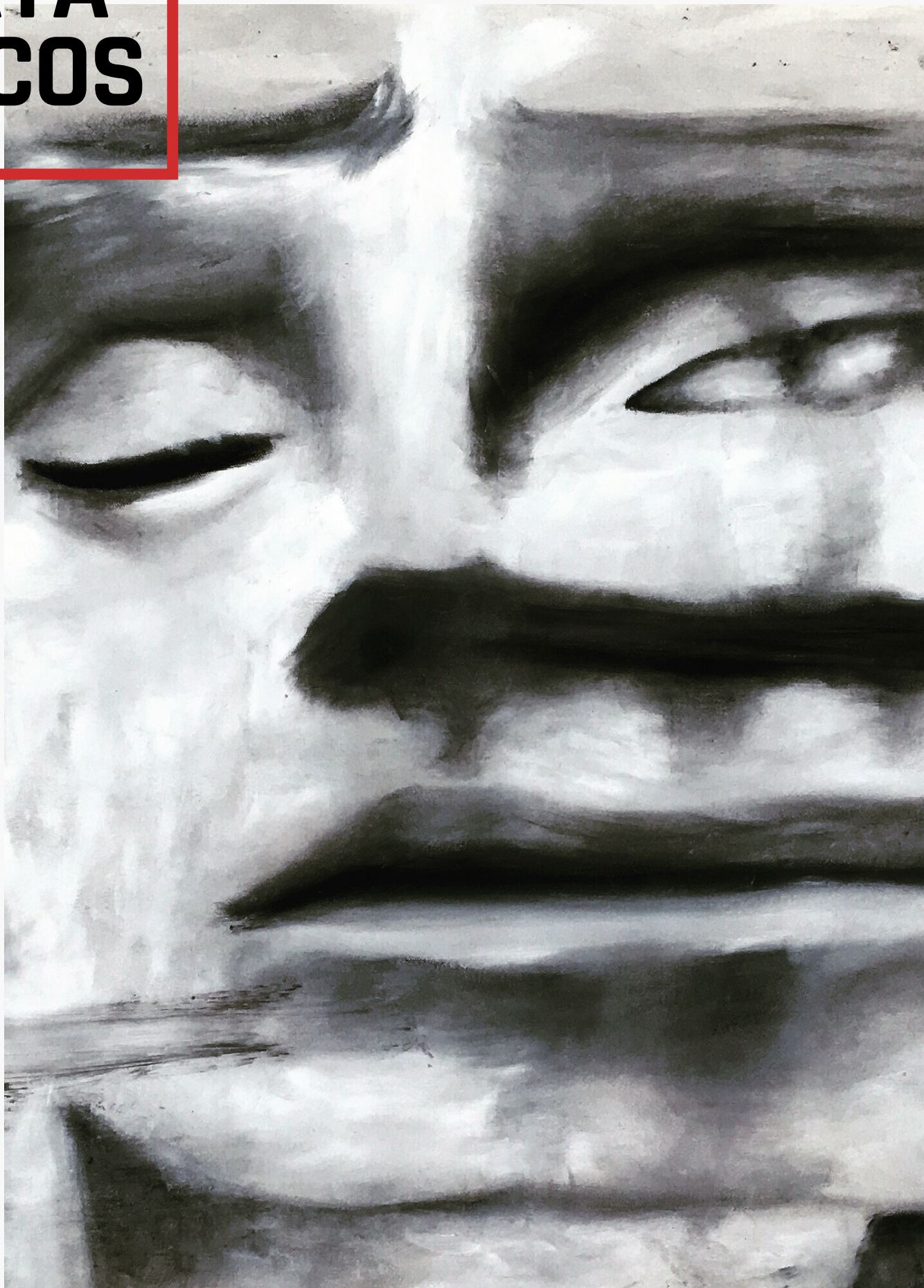


MATA PACOS

QUARENTENA DE ABRIL 2020 | EDIÇÃO 2



expediente

idealização:

coletivo coma a fronteira_

editores:

caio ribeiro, lucas lemos e marcella gaioto_

design gráfico, revisão e colaboração:

caio ribeiro, marcella gaioto e lucas lemos_

capa:

Editorial, sobre arte de Pally Siqueira

artistas convidadas:

**André D'Lucca (mt)_ Andressa Zelenski (mt)_ Bruna Vilaça (sp)_
Bruna Mitrano (rj)_ Cia Pessoal de Teatro (mt)_ Edson Flávio (mt)_
Eduardo Paiva (sp)_ GORA (mt)_ Henrique Santian (mt)_ Karola
nunes (mt)_ Lucas Lemos (mt)_ Maurilia Valderez (rs)_ Pally
Siqueira (pe)_ Pedro Duarte (mt)_ Thamara Parteka (mt)_**

editorial

a MATAPACOS é uma revista de deslimites.

Depois da boa circulação da 1ª (re)vista, nossa vontade em continuar se ampliou. Fazer uma revista de experimentalismos em Cuiabá/MT e tentar de alguma forma estar conectado com o resto do Brasil é uma coisa engraçada. É como se fosse tudo tão diferente, mas como se os problemas fossem os mesmos. Dá pra imaginar? Fica cada vez mais complexo imaginar o centro e a margem - e isso é potente!

Nesta edição que você vai ler, ampliamos a seção de poemas e contamos com pessoas incríveis. Há também uma seção de prosa. No quadro da dramaturgia, temos um trecho de Cidade dos Outros, da Cia Pessoal de Teatro, uma peça que circulou por muitos lugares, inclusive aldeias indígenas. No 'Quer Ver? Escuta!' temos a super participação de Karola Nunes, e a estreia de uma nova seção: Ateliê livre.

Então, vem com a gente comer MATAPACOS durante a quarentena.

nesta_edição

poesia

EDSON FLÁVIO
LUCAS LEMOS

1

poesia

BRUNA VILAÇA
BRUNA MITRANO

2

prosa

THAMARA
PARTEKA

3

galeria

PEDRO
DUARTE

4

maurilia valderes

andré d'luca

ENTRE
VISTAS

5

dramaturgia

CIDADE DOS
OUTROS

7

na fogueira

REVISTANDO
GIL

10

quer ver? escuta!

KAROLA
NUNES

11

ateliê livre

HENRIQUE
SANTIAN

12

Abismos

Infinitos me completam
Sou cheio de vazios
Quando penso em me encontrar é que estou
me perdendo.
Vivo num eterno retorno de mim.
Por vezes mergulho no abismo interior de
minhas memórias sem saber, ao certo,
quanto
tempo demorarei.
Ali, mantenho-me absorto em pensamentos
angustiantes, grilhões de meus sentimentos,
até que as linhas do tempo costurem a
mortalha de minha dor.
Uma vez revigorado, sinto uma força
centrífuga que me lança para fora e uma voz
que
diz: vá viver homem.

Com retalhos da vida
construo meu
cobertor de sonhos

**Dois poemas de
Edson Flávio Santos
@edsonflaviosantos**

Dois poemas de Lucas Lemos @aquelelemos

tomou chá
de ayahuasca
se debruçou sobre
pés de cannabis
quicou na pista agarrado
até amanhecer
foi no terreiro
de umbanda
glorificou a deus
de pé na famosa igreja
hoje vive
mais próximo de si
mesmo
que podia admitir
atravessado pelo
seu sangue conectado a
de repente
tantos
outros
silêncios

eu não queria
viver
um grande
amor quando
nos vimos
emaranhados
na cama
você me comendo
me abraçando
de lado deixando nossas
vidas de lado
por conta desse amor
eu não queria
agora eu vi eu
percebi que
nascemos pra dar errado
mas esse era o certo
nascer

**Dois poemas de
Bruna Vilaça
@bru_vilaca**

tu vem se chegando pro meu lado
eu deixo
braços certos, abertos:

eu
você
meu peito

tu pede aconchego

eu dou, d'ô:

pega aqui, o que te servir,
se servir

e caso não prestar (é empréstimo), volta:

pra mim

e devolve.

se teu olhar encontra o meu
tu diz que quem foi ao encontro fui eu
não ligo tô aqui abre a porta

se teus olhos desafiam os meus
que batem de frente com os seus
viram fendas do sorriso que pra ti não seguro

se teu olhar procura o meu
no meio de tantos pares escolheu
minhas pupilas dilatadas só pra ti

se teus olhos viram os meus
e meus olhos viram os seus
me diz agora, como hei de partir

se teus olhos desviam dos meus
por acaso ou porque assim quis
eu me faço de cego e apago
o que vi quando estava entocado

aí dentro de ti

nasci com dentes podres
coisa de família
minha avó ficou banguela aos 26
os tios todos têm dentadura
criança diziam tão bonita mas assim
não vai arrumar namorado
eu não queria arrumar namorado
arrumei nove ossos quebrados
ossos fracos coisa de família
disseram bruna você parece que pode
partir ao meio a qualquer momento
eu quebrei muitas vezes
mas ninguém quis ver
que não quero namorados
e que meu mau hábito de não escovar os dentes
é porque nunca paro de comer
porque o que sinto não é fome
é o sentimento da fome que talvez seja
coisa de família nunca entendi
o que é essa coisa de família.

semente de abóbora cura solitária
quem não é
que tem estômago pra lembrar de ser menina
mãe de leite de vínculos me perdi
no desamparo ela ouviu de novo
a panela de ferro
o grunhido do porco que demora pra morrer
com o facão enterrado no couro
sangra cada dia da idade dos homens do cafezal
os que comem até os intestinos
e têm rasgos na cara mas
dentro da botina a sola é tão fina que dói.

**Dois poemas de
Bruna Mitrano
@brunamitrano**



Arte: Andressa Zeleniski

DIA 09 DE QUARENTENA

Tem abismos meus que eu só toco lendo Clarice.

Dias atrás, mesmo, vasculhando coisas na internet, deparei-me com um texto dela. Li. Não.

Leu-me o texto.

Espere, vou contar-lhes como foi isso. Comecei uma leitura visual. A palavra penetrou pelas minhas pupilas e vibrou no meu silêncio. Não pude calar. Uma personagem surgiu em mim, se apoderou de minha voz e começou a ler o texto em voz alta. Na medida em que a palavra era dita, algo em mim GRITAVA. Algo em mim chorava. Finalmente, um não sei o que de dor, um não sei o que de tristeza, um não sei o que de liberdade me apoderava. Ao invés da palavra sair da minha boca, ela entrava no meu espírito. Nunca tinha encontrado algo que me lesse tão cruamente.

A palavra escrita por Clarice tinha acabado. Mas a palavra da Clarice dita pela personagem ressoava, ainda, em mim. Olhei para o texto, olhei para a personagem, olhei para mim e disse: "Meninas, precisamos fazer algo com isso". Um monólogo, uma performance, uma declamação, uma maneira de eu sentir essa explosão novamente.

Passaram-se os dias, eu escrevi e li outras coisas, mas Clarice continuava a vibrar em mim. Fui procurar o texto, para finalmente criar algo nosso. O texto devia estar fácil, não tinha se passado muitos dias. Vasculhei na internet, não encontrei nada. Como era mesmo o nome?

Humm... Não lembro!

Talvez, se eu lembrar do assunto...

Não.

Não sei! Era crônica?

Conto?

Eu não sei, não lembro de nada!

Fui no histórico, procurei por dias, semanas e nada! Estava agoniada! Como um texto que me dizia tanto tinha sumido... Teria sido raptado pela minha inconsciência? Procurei nos livros dela que eu tinha em casa e nada! Absolutamente, nada!

Como não lembrar de nada de um texto que te tocou tanto? Repetia, repetia, repetia na cabeça.

Arte: Beatriz leite

Até que uma voz me disse:

O texto não foi lido.
O texto não foi escrito.

O texto nem sequer existe.

Era simplesmente palavra encarnada.

Energia manifesta.

PEDRO DUARTE

faz uso da técnica 'sacada de zoom' para potencializar o trabalho performativo da atriz Edilaine Duarte, durante experimentação realizada na Semana de Formação Coma A Fronteira, antes-pandemia em Chapada dos Guimarães.

@pduarte



ENTRE VISTAS

Entre vistas, vistas, visitas - olhares acerca de alguma coisa. Entrar neste olhar e experimentar o que estes olhos dispõem para enxergar. Os sentimentos são vistos/sentidos por detrás dos olhos.

O Entre Vistas da edição anterior gerou muito o que falar. Especialmente porque muita gente não leu esta parte e acabou pulando direto para as respostas, o que gerou uma deliciosa confusão em nossas caixas de mensagem. Muita gente dizendo que "*minha receita foi creditada com o nome de outra pessoa*". Um autor, inclusive, disse que até preferia assim pois a resposta na qual foi creditado estava melhor que a que ele enviou.

vê se pode?

Agora, esta seção está diferente. E estamos propondo um outro jogo. A ideia é construir uma correspondência entre as vistas. Proporcionar que o diálogo aconteça sem que ele seja necessariamente visto.

Como assim?

Após um papo super gostoso com uma pessoa que admiramos muito, pedimos que ela nos enviasse 5 palavras que tem aparecido para ela, ou mesmo que sejam importantes, ou que ela apenas goste. A motivação era livre. A partir destas palavras que

muito e pedimos para que ele dissesse o que essas palavras significam para ele - ou para a vida dele.

"É quase que uma correspondência às cegas, mas que leva a ideia de entrevista além"

Esta relação é anônima. No momento da elaboração, as pessoas não sabem quem são, nem quem enviou as palavras, nem quem as vai significar. É quase que uma correspondência às cegas, mas que leva a ideia de entrevista além. Estamos propondo um jogo de significado e de significante, onde o que interessa são as relações que essas pessoas vão dar para as coisas.

As possibilidades de construção de novos diálogos são muito interessantes. Propor outras experiências é dar um certo descanso do que está cristalizado - e que consumimos em larga escala. Assim, é possível abrir espaço para que estéticas e poéticas circulem.

E você? sentiu vontade de saber quem são os correspondentes EntreVistados desta edição? A gente pensou muito se revelaria. Vamos deixar que você tenha contato com o resultado, junto com as respostas que estão logo na página seguinte.

Vai pra lá!

asfixia

A primeira lembrança é meu pai embriagado me estrangulando aos cinco anos de idade. A falta de ar seguida de desmaio. Hoje relaciono Asfixia com política, que sufoca a grande massa.

poesia

Mamãe é poetisa. Escrevia e declamava para seus muitos filhos. Nos obrigava a ler poesia. Hoje viajo por conta própria nas minhas Lucienes, Clarices, Marilias, Manoéis e tantos outros... Poesia é alimento pra alma.

bando

Sobrevivência. Flávio Ferreira me dizia quando eu era adolescente: "Catitu fora do bando é comida de onça". Hoje, em dias de pandemia, andar em bando significa correr risco de contaminação.

insurreição

Me lembro de ouvir essa palavra cedo em casa durante as broncas de minha mãe professora de português. Ela sempre reclamava da minha dificuldade em seguir regras e me adaptar ao sistema. Na fase adulta os espíritos de rebeldia e oposição me acompanharam por muito tempo. Agora na velhice me voltei contra as rugas e o desânimo.

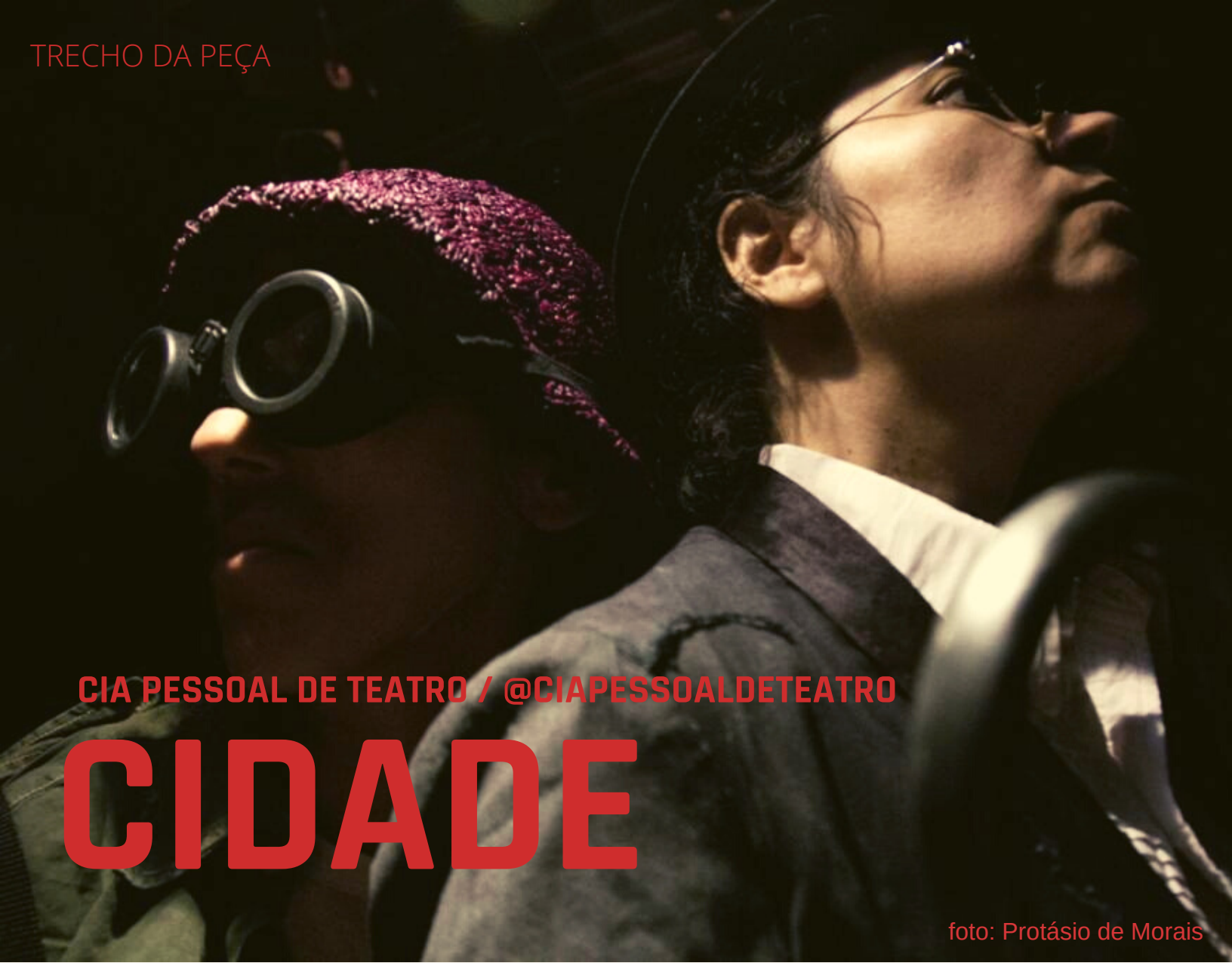
aceleração

Na estrada da vida sempre tive dificuldade de pisar no freio. Tentei manter minha existência em alta velocidade. Imaginem um automóvel que nunca para em aceleração constante???

Inevitavelmente, vai fundir o motor. Hoje muita yoga e meditação buscando desacelerar. Bendita Idade.

Palavras de Maurilia Valderez - filósofa subversiva @amarez

Significados de André D'Lucca - artista essencial @atorandredlucca



CIA PESSOAL DE TEATRO / @CIAPESSOALDETEATRO

CIDADE

foto: Protásio de Moraes

DOS

Na peça são explorados os desejos da sociedade de consumo, que vive às voltas com o sonho do dinheiro fácil. O espetáculo surgiu de uma pesquisa que teve como tema a inapetência para a ação; a circularidade da vida e a eterna espera pelo “maná divino”.

OUTROS

2010

Direção: Amauri Tangará
Atuação: Juliana Capilé e Tatiana Horevicht
Dramaturgia: Juliana Capilé
Cenógrafo: Paulo Krukcoski
Cenotecnica: Genival Soares
Realização: Cia Pessoal de Teatro

DIDI – (Pausa longa) Como é que você acha que ele não se machucou, mesmo estando dentro do carro, e o carro sendo arrastado àquela distância toda!

GOGO – Não sei. Problema é dele.

DIDI - Ele podia ter morrido nessa. Se não desse certo.

GOGO - É... Toda causa tem o seu efeito; todo efeito tem a sua causa.

DIDI – Eu vou gostar de ter um kit de ferramentas que tem tudo. Com eles dá pra fazer qualquer coisa, até construir uma máquina, se quiser.

GOGO – ...

DIDI – Eu já devia ter um kit desses, há muito tempo. Todo mundo devia ter um kit de ferramentas.

GOGO – Tenho fome. (Pausa..) Ele ainda está lá. Se debatendo.

DIDI – Quem?

GOGO – O cavalo que atolou no buraco. O buraco é fundo demais. Quando ele consegue se livrar da lama, já está muito cansado para subir as bordas. Acaba sempre escorregando para a lama novamente. Se ele tivesse onde se apoiar, eu acho que conseguiria. Ainda tem força.

DIDI – Sair para quê? Para ter que buscar comida todos os dias, se defender da cidade e dos seus algozes, se proteger dos bandidos? Se ele raciocinasse, ficaria dentro daquele buraco, quieto.

GOGO – Com fome? Com frio? Sozinho?

DIDI – Com o tempo essas coisas passam.

GOGO – Não. Ele não vai desistir. Ele vai sair para comer. É o instinto dele.

DIDI – Fome. A fome tem muitos aspectos. É o corpo com vontade de ter. Desejo da carne.

GOGO – Tenho desejo de carne. Em forma de bife. Mal passado. Molho madeira e champignons.

DIDI – Quando eu botar a mão nesse dinheiro, eu vou alugar um restaurante por um dia e uma noite inteiros, e comer tudo que tiver para ser comido, de prato principal a enfeite de salada, tudo.

GOGO – Eu alugaria um restaurante por uma semana inteira. Uma churrascaria rodízio.

DIDI – Frango assado!

GOGO – Avestruz!

DIDI – Coelho!

GOGO – Peru!

DIDI – Cabra!

GOGO – Carneiro!

DIDI – Jacaré!

GOGO – Galo!

DIDI – Porco!

GOGO – Burro!

DIDI – Vaca!

GOGO – Cobra!

DIDI – Cachorro!

GOGO – Macaco!

DIDI – Veado!

GOGO – Zebra!

DIDI – Zebra?

GOGO – Você tem alguma coisa para comer? Tenho fome. (Didi encontra algo no bolso e come sozinho.)



Foto por Ahmad Jarrad



Foto por Ahmad Jarrad

DIDI - O que vamos fazer com o dinheiro?

GOGO – Dinheiro só vale à pena se for para gastar com quem a gente ama.

DIDI – (Silêncio mortal. Pausa longa.) Eu vou trocar os dentes. (Gira a máquina para direita)

GOGO - Eu vou arrumar uma cadeira daquelas que deixam as pernas esticadas...

DIDI - Espreguiçadeira.

GOGO – Dessas. Eu gosto dessas.

DIDI - Mas com tantos milhões, você poderá comprar muitas cadeiras!

GOGO - Eu só tenho uma bunda.

GOGO – O cavalo ainda está lá. (Didi ainda ri.). O cavalo ainda está lá! Será que eu devo libertá-lo?

DIDI – (Susto) Libertar quem?

GOGO – O cavalo que está atolado no buraco.

DIDI – Você pensa em tirá-lo de lá?

GOGO – Ele se debate tentando sair, mas a lama o prende. Ele cansa e fica quieto por muito tempo e depois volta a se debater.

DIDI – O que você fará com um cavalo?

GOGO- (Pensa) Não sei. Poderia vender!

DIDI – Quem comprará um cavalo atolado? Ele está ali e nenhum dono foi buscar até agora; é sinal que já tem pouca serventia. Se ele caiu num buraco desses deve ser pouco esperto. Ou enxerga pouco. Se não conseguiu sair até agora é porque é pouco forte. (Pausa) Um animal desses ninguém mais quer.



Foto por Protásio de Moraes

NA FOGUEIRA:

REVISTANDO

REFAZER

GIL: REVOLTAR

REALÇAR

Gilberto Gil é o poeta da mudança. Sua produção sonora, sempre atenta às inconcórdias dos tempos, revelam o deslocamento e a resignificação como condição humana. Assim, sua famosa trilogia "Re" dos anos 1970 trata do tema das transformações inevitáveis pelas quais passava a referida década, mas também pode ser lida pela ótica do atual momento por que passamos. *Refazenda* 1975, *Refavela* 1977 e *Realce* 1979 apresentam sob diferentes prismas as reconstruções do país e do mundo.;

Refazenda é um disco rural, faz uma homenagem à ruralidade e à nordestinidade do próprio Gil. É deste disco a parceria com Dominginhos nas canções *Lamento Sertanejo* e *Tenho Sede*. A conexão com as raízes rurais conectava Gil a uma contracultura dos anos 1960/70, presente na canção *Retiros Espirituais* ou na referência à comunidade alternativa Guariróba na canção *Refazenda*. Desta forma, a contracultura e a ruralidade se juntam na obra do compositor indicando um refazer na relação homem natureza, e uma reformulação da temporalidade pela experiência do tempo, do campo e do artesanato em oposição ao mundo industrializado da metrópole.

Já *Refavela*, retrata um novo movimento negro que explodia nos anos 1970. Em 1977 o compositor acabara de retornar do II FESTAC na Nigéria, onde se inspirou e trouxe na bagagem toda uma negritude transatlântica para homenagear o movimento negro internacional, que explodia no mundo ocidental e nos subúrbios do Brasil.

O disco é todo influenciado por gêneros internacionais e nacionais da cultura negra, há reggae, afoxé, funk e afrobeat. Gil estava atento ao mundo transatlântico negro: nos EUA, a luta pelos direitos civis estava a todo o vapor, enquanto na África as ex-colônias de língua portuguesa faziam suas revoluções. No campo musical, o mundo ouvia os *souls* e *funks* dos cantores da *Motown Records*, dançava o *afrobeat* do astro africanista Fela Kuti e se extasiava com o reggae de Bob Marley, fenômeno mundial do então chamado terceiro mundo. Gil soube captar e canalizar esse movimento internacional em *Refavela*.



arte: Mostra GIL70, organização e curadoria de André Valias

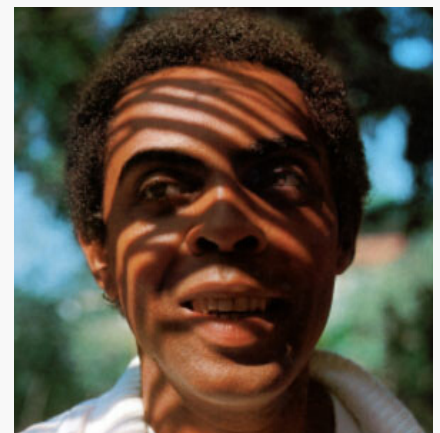
Eduardo Paiva é professor de Sociologia no curso de Ciências Sociais na UFMT, pesquisador na área de estudos culturais do grupo Caleidoscópico e músico. @du.a.paiva @napontadodisco

Tanto *Refazenda* quanto *Refavela* são discos de retorno, um regresso às experiências musicais e uma revisão de sua formação. Como diria o próprio Gil, há ali uma marcha ré, uma volta e porque não, uma revolta. O tempo da ruralidade em *Refazenda* se junta ao tempo dos marginalizados pelo êxodo rural nas grandes cidades da *Refavela*.

Encerrando a trilogia RE, em 1979 Gil grava *Realce*, homenageando a *disco music* que irrompe no mundo ocidental, mas também vislumbrando a tão esperada abertura para o regime democrático e a inadiável reconstrução de nossa esfera pública. A criação, o movimento, a reação imediata que o compositor narra na canção *Rebento* pode ser lida como a tão almejada abertura política depois de tempos sombrios da ditadura.

Realce é um verbo imperativo, há uma ordem que diz: apareça ou faça-se aparecer. Assim, a utopia da festa se junta à cada vez maior visibilidade da sociedade civil na esfera pública, dominada pelos velhos aparelhos repressores que começavam a dar sinal de desgaste.

O pensador italiano Antonio Gramsci definia crises como momentos de transição, onde as antigas convicções já não explicam a realidade, porém as ideias novas ainda não amadureceram suficiente. "O velho morre e o novo ainda não pode nascer". Este movimento está presente em Gilberto Gil, que reinventa o passado, reelabora hábitos, refaz e realça o presente. Em tempos de pandemia e autoritarismo, em que o resistir se entranha ao reexistir, ouvir a trilogia RE nos lembra, como diria Gilberto, que o Eterno Deus Mu Dança



quer ver? ESCUTA!

Karola reside em Cuiabá, onde nunca teve a intenção de disfarçar, como diz sua canção "Chorar", sua paixão pelo reggae. A música em questão é uma parceria com Victor Rice, Curumim, Pacha Ana, e faz parte de "SOMOS SOM", seu primeiro trabalho autoral, disponível nas plataformas digitais

@karola_nunes karola nunes

filha de Gaia

Nascida em Rondonópolis e graduada em música pela UFMT, trabalha na área há 17 anos. No momento, tem se dedicado mais à sua carreira solo e à divulgação do CD

"Zona de conforto e de conflito" é um trecho da faixa que dá nome para o cd da cantora mato-grossense e também estabelece sua relação com o fazer artístico. Ela, que começou fazendo serenatas e tocando em bares de sua cidade natal, disse a MATAPACOS:

"Hoje, acredito que trabalhar com arte é um ato político, através da arte eu me expresso enquanto pessoa e cidadã, tanto nos shows, como em peças teatrais que assino a direção musical e sonoplastia."

luz_ libra_ ar_ paixão_ silêncio_ lança de ogum_ chapada dos Guimarães_ arte_ fotografia_ **SANTIAN**_ conexão_ indígenas_ vó francisca_ amor_ viagem_ música_ experimentação_ descobrir_ negramina_ manjerição_ cachoeira_ estrada de chão_ percurso_ passe_ **SANTIAN**_ fé_ respeito_ risada_ descoberta_ lua_ xingu_ amazônia_ ritual_ cuiabá_ creonças_ lapex_ a fé de francisca_ a terra sagrada wauja_ dinâmica irreversível_ **SANTIAN**_ mulheres de fé_ corpo atemporal_ olhares ocultos_ a guerra do fogo_ homens de pedra_ travessias_ a simbiose de maiêutica_ luz_ libra_ ar_ paixão_ silêncio_ lança de ogum_ chapada dos Guimarães_ arte_ **SANTIAN**_ fotografia_ conexão_ indígenas_ vó francisca_ amor_ viagem_ música_ experimentação_ descobrir_ percurso_ passe_ fé_ respeito_ risada_ descoberta_ **SANTIAN**_ lua_ xingu_ amazônia_ ritual_ cuiabá_ creonças_ lapex_ a fé de francisca_ a terra sagrada wauja_ dinâmica irreversível_ **SANTIAN**_ mulheres de fé_ corpo atemporal_ olhares ocultos_ a guerra do fogo_ homens de pedra_ travessias_ a simbiose de maiêutica_ luz_ libra_ ar_ paixão_ silêncio_ lança de ogum_ chapada dos Guimarães_ arte_ fotografia_ conexão_ indígenas_ vó francisca_ amor_ **SANTIAN**_ viagem_ música_ experimentação_ descobrir_ percurso_ passe_ fé_ respeito_ risada_ descoberta_ lua_ xingu_ amazônia_ ritual_ cuiabá_ creonças_ lapex_ a fé de francisca_ **SANTIAN**_ a terra sagrada wauja_ dinâmica irreversível_ mulheres de fé_ corpo atemporal_ olhares ocultos_

CO NECTAR PARA EXPAN DIR

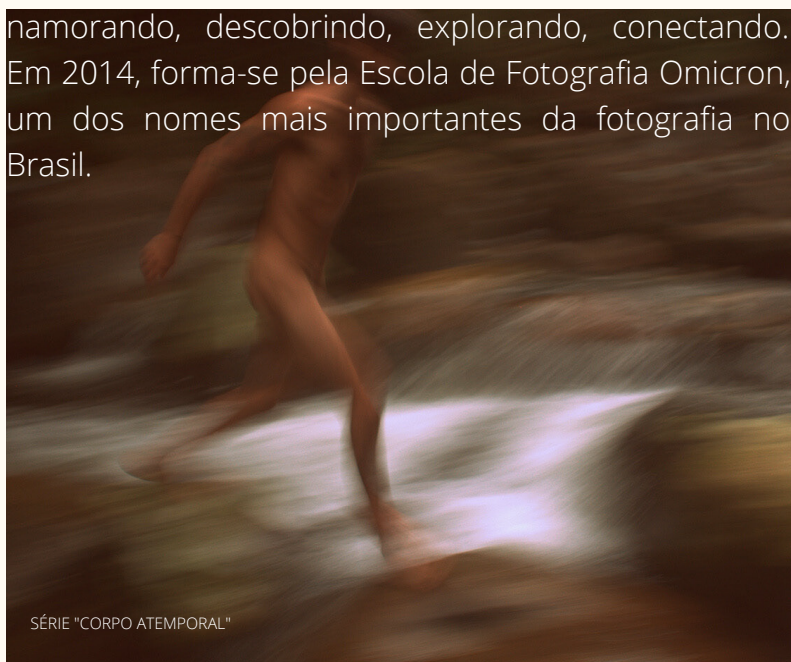


HENRIQUE SANTIAN
@HENRIQUESANTIAN
BEHANCE.NET/SANTIAN

Henrique Santian é um libriano que vive no meio do mato, lá pelas bandas da Chapada dos Guimarães. Nasceu em Sorriso, no Nortão do Mato Grosso, no ano de 1989.

Começou a fotografar aos 15 anos, numa espécie de romance curioso com aquela arte até então desconhecida para ele. De lá pra cá foi só axé, acumulando toda a sua experiência assim:

namorando, descobrindo, explorando, conectando. Em 2014, forma-se pela Escola de Fotografia Omicron, um dos nomes mais importantes da fotografia no Brasil.



Seu trabalho tem um diálogo muito profundo com povos tradicionais, especialmente os povos indígenas, com quem Santian já desenvolveu muitos projetos. E o mais potente nisso tudo é que Santian não é apenas aquele 'fotógrafo observador' que registra tudo e vai embora. Ele volta. Volta, e muito. Faz exposição nas aldeias, convida indígenas para vir à cidade ver as obras e faz o que for preciso para que seus irmãos da aldeia tenham o devido retorno. Essa responsabilidade afetiva com o trabalho é uma das suas marcas mais potentes.

Quem conhece Santian, conhece os guias que o acompanham. Não dá para negar o axé em volta dele. Como todo Caboclo Sete Flecha, ele está sempre buscando auto-conhecimento com os saberes ancestrais, especialmente quando se trata do seu amor-guia-libriana, Vó Francisca - que foi homenageada por ele com a exposição A Fé de Francisca, no SESC Arsenal. A abertura teve direito a cortejo tradicional e Vó Francisca dando passe para os presentes.

O cerne do trabalho do Santian pode ser definido como: Conectar para Expandir. Pra ele, é impossível criar sem conexão, sem o axé que junta e que equilibra. Assim, seus trabalhos percorrem desde as aldeias do Xingu até as pistas de dança na vida noturna de MT, com sua pesquisa musical em ritmos étnicos. Esse encontro intenso é o que torna Santian tão especial e um devorador de fronteiras.

MATA PACOS

UMA REVISTA
DE
EXPERIMENTA
LISMOS

Quer conversar? Sugerir conteúdo? Enviar material? Trocar e-mails?

revistamatapacos@gmail.com
[@comaafronteira](http://comaafronteira.com)

